

TEMPO E MEMÓRIA EM MORMAÇO

Prof^a Dr. Maria Alice da Silva Braga (ULBRA)¹

RESUMO: *O presente estudo destina-se a estudar, no manuscrito Mormaço, segundo volume da trilogia inacabada de memórias, do escritor gaúcho, Manoelito de Ornellas, as rasuras como elementos desencadeadores de outros significados. As letras, os pontos ou linhas traçadas no manuscrito são, muitas vezes, o resultado de uma batalha entre o mental e o afetivo do autor com o material gráfico. Desse modo, o documento manuscrito revela uma luta do gênio do autor com a cultura, processo que talvez ele mesmo desconheça. Sob essa perspectiva, o estudo tentará mostrar, no manuscrito, as relações entre a memória do autor/narrador e o tempo da escrita, tendo as rasuras como testemunhas do ato criador.*

PALAVRAS-CHAVE: memória, manuscrito, rasura.

O texto escolhido para a realização deste ensaio é o manuscrito *Mormaço*, segundo volume da trilogia inacabada de memórias do escritor gaúcho, Manoelito de Ornellas.

Trabalhar com o texto original proporciona, ao estudioso, perceber a imagem global que, ultrapassando a primeira impressão de uma página suja de tinta, desenha formas, sobrepondo imagens, que se relacionam ente si dentro da escritura. As letras, os pontos ou linhas traçadas no manuscrito são, muitas vezes, o resultado de uma batalha entre o mental e o afetivo do autor com o material gráfico. Desse modo, o documento manuscrito revela uma luta do gênio do autor com a cultura, processo que talvez ele mesmo desconheça.

Sob esse ponto de vista, Philippe Willemart, professor e estudioso dos manuscritos literários, destaca:

Quanto mais o escritor se entregar à folha branca, mais ele se remete ao suspenso da escritura após as rasuras ou as paradas não previstas; quanto mais ele é sensível às vozes (...) mais ele penetra em um mundo para o qual ele não foi feito, como diz o narrador proustiano por intermédio de sua personagem Swann ao escutar a pequena música de Vinteuil. (WILLEMART, 1999, p. 55)

¹ Universidade Luterana do Brasil – Canoas – RS – Curso de Letras.
Endereço eletrônico: alice.braga@terra.com.br

Assim, o trabalho com as memórias, analisado diretamente no documento autógrafo, possui a força da reminiscência resguardada no manuscrito, pois as memórias são um tipo de escrita que procuram presentificar o passado, na tentativa de recuperar os fatos e as pessoas no contexto temporal, não deixando que a inexorabilidade do tempo e o esquecimento apaguem as imagens retratadas cuidadosamente.

O documento escolhido para este estudo, *Mormaço*, é constituído por memórias de ausências: as figuras que animam o cenário são aquelas que povoaram a juventude do autor, e a paisagem, eternizada em molduras, é a obra mais completa de Manoelito, que formou uma galeria da “querência perdida ... a imagem do pampa, iluminado de sol, sem esconderijos, onde os amanheceres e os crepúsculos eram mais demorados.” (ORNELLAS, inédito, p. 03)

O ato de recordar pertence ao presente, mas o reencontro com os entes queridos e com os espaços vivenciados transporta o autor para um tempo passado, permitindo, assim, que ele o reviva, religando o princípio e o fim – esse percurso é a totalidade criadora.

Fluía o tempo; o cronológico e o psicológico. Na monotonia da paisagem, os calendários chegavam, terminavam, recomeçavam e chegavam novamente ao fim, como se os relógios houvessem parado em todas as torres do mundo e no bolso do colete de todos os homens... O clima determinava a geografia humana, ou melhor, caracterizava a geografia humana.(ORNELLAS, p. 87)

Manoelito de Ornellas, em *Mormaço*, desce ao fundo de si mesmo, na medida em que o presente busca as referências no passado e o homem, enquanto vivo, define a sua identidade através do culto e da lembrança dos seus antepassados.

Ao revisitar Tupanciretã – cidade onde viveu sua juventude, fixou verdadeiros laços de afeto, conheceu e se engajou na política, deu os primeiros passos no caminho da literatura e do jornalismo e conheceu a mulher que foi sua companheira por toda a vida – Manoelito, já homem maduro, percorre a galeria de retratos, imagens recolhidas, preservadas e guardadas na memória. O autor diz:

Tupanciretã havia sido, para mim, um relógio d'água que marcara o meu tempo por etapas, sem ponteiros, entre chuva e sol, com a festa do arco-íris ao entardecer... Rajadas de Minuano. Nuvens em farrapos. Sol entre cortinas de fios imponderáveis de neblina. E mormaço... (ORNELLAS, p. 288-9)

Essa evocação do passado através do tempo assume a configuração de uma pintura impressionista com tons esfumados e ausência de fronteiras. A moldura de seus quadros não obedece aos limites da tela que é elástica na proporção que a pintura toma vida e penetra na realidade. O que importa é o

registro das impressões que brotam da alma de quem narra e o resultado é a criação de tantos quadros quantos se fizerem necessários. Tudo contribui para recriar imagens que a vida abandonou e que só a imaginação pode reanimar: o mormaço interior vivido entre sol e poeira, chuva e sol; o calor subindo da terra molhada; o mormaço na terra e nas almas; o poente; o vento.

O primeiro capítulo do livro, intitulado *Nova Paisagem*, mostra o estado de espírito do autor e um certo ar melancólico que paira sobre o texto.

Ao deixar o último palmo de minha terra xucra, vim pelos caminhos da Depressão Central rumo das escarpas do Planalto Médio. Era março de 1922. (ORNELLAS, p. 01)

Mormaço possui pontos relevantes como: a transferência dos Ornellas para a cidade de Tupanciretã, o primeiro emprego de Manoelito, seu engajamento em movimentos políticos, seus primeiros escritos, seu namoro e casamento com Lucy, o nascimento da filha e a busca de novos horizontes. Esses são os principais marcos cronológicos do percurso evocado, acontecimentos reais que permeiam os passos do escritor e permitem contornos à autobiografia. Ao reconstituir os episódios de sua juventude, Manoelito encontra-se com a terra e com as origens, mas logo abandona esse estado e, comandado pelo intelecto, torna-se amante dos livros. A leitura da natureza leva o escritor a elaborar a melhor obra.

É igualmente oportuno realçar, em *Mormaço*, o modo pelo qual o eu procura a sua identidade: “No peito, o desejo de romper distâncias, de procurar novos mundos, de conhecer fisionomias novas”. (ORNELLAS, p. 93)

1 Tempo e história

As memórias de Manoelito de Ornellas possuem valor documental e a história se faz presente em toda a obra, conduzindo o fio temporal e permitindo, desse modo, que a recuperação da lembrança se apóie na cronologia dos fatos sucedidos. Publicadas em 1969, logo após sua morte, dedicam várias páginas à vida da pequena cidade de Tupanciretã, à incipiente indústria de charque do lugar e aos hábitos de um povo que vivia ao largo da civilização urbana. Também destacam os períodos revolucionários de 1922, 1923, 1930 e 1932, a eterna rivalidade entre Chimangos e Maragatos e as primeiras incursões do autor na literatura, começando com a poesia. Personagens como Erico Verissimo, Mansueto Bernardi e Roque Callage, entre tantos outros, são referências que situam o leitor na real geografia e história e que materializam a representação da vida de um jovem escritor no início do século XX no Rio Grande do Sul. Agregado a esse valor que *Mormaço* revela ao leitor, está o sujeito que ele desvenda e que pertence a um mundo que encontra no passado o refúgio do autor/narrador.

Do auto-retrato sobressaem duas facetas: a do homem-político e a do homem-escritor. Enquanto homem-político e politizado, Manoelito de Ornellas rememora fatos como o 7 de setembro de 1922, quando o Brasil inteiro se preparava para receber, na cidade do Rio de Janeiro, o rei Alberto da Bélgica. O governador da República “comprava móveis, tapetes da Pérsia, cristais da Boêmia, porcelanas de Saxe.” O país endividava-se numa onda de luxo e grandeza e Tupanciretã também cedeu ao momento cívico, mandando erguer um monumento à Pátria por aqueles que deram a vida à liberdade do país.

O ano de 1923 marcou a 3ª Revolta Popular Armada. Borges de Medeiros candidatava-se à reeleição pela presidência do Rio Grande do Sul e tinha como opositor Assis Brasil. O velho estadista “ganha” novamente as eleições. Nesse momento os Maragatos se reorganizam, sob o comando de Honório Lemos, contra os Chimangos que tinham à frente Flores da Cunha, Oswaldo Aranha e outros.

Manoelito com 20 anos participava de todos os atos públicos, tendo entrado na política pela porta da oposição. A Revolução de 23 terminou com um tratado de paz, firmado em Pedras Altas – uma vitória definitiva: o voto secreto.

No ano de 24, com uma sucessão de violência e de prisões, o país entrou em estado de sítio. Luiz Carlos Prestes, com seus soldados, saiu de São Luiz para Tupanciretã, ponto estratégico de área militar importante. Atacaram a cidade, a batalha durou 10 horas e meia quando Prestes iniciou a retirada que só terminou na Bolívia, com seu exílio.

Terminada a última batalha campal que o Rio Grande contemplou restaram mortos e feridos. No cemitério da vila, uma cruz com um pano vermelho pendurado marcou os túmulos dos Maragatos, reverenciados pelo povo.

Em 21 de dezembro de 1928 Getúlio Vargas, presidente da Província, assinara o decreto nº 4.200, elevando Tupanciretã a município autônomo. Manoelito proferiu o discurso oficial, inaugurando a nova célula política do Rio Grande e, ao lado de Lima Beck, toma a frente de vários projetos. Enquanto Beck cuidava da estrutura jurídica da cidade, Manoelito se ocupava dos aspectos culturais. Juntos fundaram escolas em lugares onde nasciam povoados – o idealismo era sua arma maior. Ainda nessa época surgiu a idéia de um Congresso das Municipalidades do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre. Manoelito entrou nessa batalha, fazendo caravanas políticas, subindo às tribunas e pregando o caminho das armas.

Com a vitória de Júlio Prestes nas eleições presidenciais e o assassinato de João Pessoa, em Recife, estava decretada a revolução liderada por Getúlio Vargas. O amanhecer do 30 de outubro de 1930 foi marcado pela mobilização do Rio Grande inteiro – o povo acreditava na redenção do Brasil.

Manoelito falou às tropas formadas, numa parada cívica, em Júlio de Castilhos, mas, 30 dias depois, seu sonho de juventude desmoronava. Getúlio Vargas toma posse na Presidência e ocorre a dissolução do Congresso Nacional. Então, o rapaz do Itaqui, que tomara como verdade uma idéia de renovação, se recolhe e volta a encontrar-se consigo mesmo e com os livros, num isolamento do mundo externo.

O ano de 32 é marcado pela promulgação de leis trabalhistas pelo governo e acontece a Revolução constitucionalista em São Paulo.

2. Escrita e memória

Da faceta do homem-escritor pré-existe a imagem de Manoelito leitor desde os primeiros anos de vida, quando sua mãe, dona Anna, cantarolava cantigas em espanhol para ninar o bebê e, mais tarde, no lugar de histórias infantis, recitava poemas de Juan Zorilla de San Martín para o menino que já falava duas línguas, o português e o espanhol.

Manoelito, em Tupanciretã, aos 18 anos, trabalhava no comércio e lia até a madrugada, prejudicando seu desempenho no trabalho durante o dia. Refere-se aos livros:

Muitos desses discretos amigos dos tempos mais duros aqui permanecem comigo, ao alcance de meus olhos e de minhas mãos, quando escrevo estas memórias. (ORNELLAS, p. 48)

Com a morte de sua mãe, em 4 de abril de 1927, ele investe no sonho da escrita e, em 1928, nasce a poesia de Manoelito de Ornellas – *Rodeio de Estrelas* – com prefácio de Plínio Salgado. Dois anos depois escreve *Arco-Íris* e nunca mais faz poesia.

Foi para a imprensa, como jornalista escrevia diariamente, mas foi na literatura que encontrou seu maior prazer. Estimulado por Aureliano de Figueiredo Pinto, o jovem Manoelito escrevia muito para vencer a angústia daqueles fundões de campo. Buscava no desenho rupestre dos peraus, na solidão e na distância da cidade grande o motivo para novas descobertas. Escrevia o que a terra o inspirava.

Cruz Alta foi importante na vida do escritor iniciante porque lá morava um jovem que escrevia secretamente e que tinha muito em comum com Manoelito, Erico Verissimo. Os dois rapazes liam os clássicos ingleses e franceses, reuniam-se semanalmente no Café do Pedro Gigli e lá discutiam literatura e revelavam seus escritos.

Certa ocasião, Manoelito cansado de tanto trabalho e do pouco retorno que a literatura lhe dava, confessou a Erico o seu desencanto com a arte ao que o amigo protestou: “A vida não vale mais que uma canção que a gente solta ao vento... não há vida fora da arte, não pode haver consolo fora da arte.” (ORNELLAS, p. 150)

Erico começou a escrever histórias e Manoelito, imbuído das idéias do momento, escreveu *Flexilha*, obra que retrataria as coxilhas. Erico fez a capa, mas a Revolução de 30 matou não só *Flexilha*, mas *Chimarrão* e os sonhos e o entusiasmo de um escritor apaixonado pela terra.

A Revolução de 32 trouxe nova crise, novo retrocesso para o povo e para os intelectuais que lutavam para ser ouvidos e lidos.

O relato da iniciação da vida literária com a composição de poemas e as crônicas publicadas em jornais, a evocação do tempo em que conspirou ao lado

das causas políticas, carregando o idealismo da mocidade e outros apontamentos pessoais completam as memórias de Manoelito de Ornellas. Assim, *Mormaço* procura presentificar o passado sob a lente da nostalgia.

O eu individual, em si mesmo, dissecado pela introspecção, revela-se um sujeito em conflito. Nele coabitam o homem e o escritor, um destinado ao encontro com a terra e com as origens, o outro, comandado pelo intelecto, a devorar livros. Mas a leitura da natureza leva ao melhor dos livros.

Mormaço é uma obra que se situa num espaço entre a história e a literatura. Com a história compartilha uma tentativa de verdade enquanto reconstrói os acontecimentos do passado. Com a literatura divide as estratégias da ficção, como a construção da trama, não com a exata descrição, mas a criação liberta que busca na realidade o motivo para imaginar.

3. Tempo e memória

Mormaço é constituído por 15 capítulos e todos possuem um segmento temporal que evoca momentos possíveis de serem datados porque o relato, apoiado em referências históricas, conduz a narrativa. Há um movimento de vaivém a partir do primeiro capítulo – *Nova Paisagem* - tomado como ponto-chave, que é a mudança da família Ornellas para Tupanciretã. A partir daí o desenvolvimento das partes acontece, na maioria das vezes, com o suporte temporal baseado em fatos históricos, ainda que nem todos explícitos.

A obra em estudo não possui as anacronias de pormenor, classificadas por Genette em prolepses e analepses. *Mormaço* segue uma cronologia real e uma temporalidade que condiz com a narrativa clássica. Destaca, ainda, que as determinações temporais da instância narrativa são mais importantes que as espaciais, pois, segundo o crítico francês, é quase impossível não situar a história no tempo em relação ao ato narrativo, o mesmo não ocorre com o espaço. A partir dessa perspectiva *Mormaço* articula os fatos no tempo, apreendendo momentos pela via histórica.

O tempo, transitório e fugaz, só pode ser apreendido na memória.

Santo Agostinho, em suas *Confissões*, propõe uma definição do tempo como inseparável da psiquê. Ele destaca que o homem não só nasce e morre “no” tempo, mas, sobretudo, possui a consciência da sua condição temporal e mortal. Desse modo, somente através de uma reflexão sobre a temporalidade pode-se alcançar uma reflexão não aporética do tempo.

No que se refere aos acontecimentos ou aos fatos em si mesmos para uma reflexão sobre as imagens que deixam na alma, Santo Agostinho diz:

Ainda que se narrem os acontecimentos verídicos já passados, a memória relata, não os próprios acontecimentos que já decorreram, mas sim as palavras concebidas pelas imagens daqueles fatos, os quais, ao passarem pelos sentidos, gravaram no espírito uma espécie de vestígio. (GAGNEBIN, 1997, p. 75)

Nesse confronto de tempo e memória podemos sentir a nostalgia do autor que escreve para viver através da memória.

Manoelito mostra que um acontecimento sempre o leva a recordar ou a imaginar outro. O processo análogo entre a paisagem de Tupanciretã ou mesmo entre os fatos narrados leva a pensar que a representação entre o objeto e o seu significado conduz à essência das coisas, qual seja a terra, como espaço, permanece como uma referência concreta – é a metáfora da memória, enquanto a obra de arte, por outro lado, detém o tempo, eternizando-o pelo registro das impressões recolhidas na memória. Sob essa lente, o narrador descreve minuciosamente a cidade de Tupanciretã com seus campos, serras, charqueadas, sol, chuva, poeira e mormaço. Era o mormaço que dava a medida dos acontecimentos. O narrador refere:

Enfadava-me, às vezes, a vida de mormaço interior, de mesmice, vivida entre sol e poeira, chuva e sol. Não foi sem razão que Proust colocou na boca de Legrandin as palavras que me serviam, ali, embora não tivesse eu a idade de Legrandin ... (ORNELLAS, p. 299)

As recordações surgem sob a forma de impressões visuais, mesmo as formações espontâneas da memória são imagens permanentes que passam a ser compreendidas no momento que a criação se encarrega de traduzir os sentimentos.

Mormaço contém parte da história de uma época e possui o tempo como autor principal porque este artista, sábio na sua interpretação e sensível a ponto de reconhecer os modelos, trabalha lentamente, como se retivesse os detalhes na memória e, aos poucos, fosse completando sua obra até chegar à semelhança com a imagem real.

Manoelito de Ornellas, na busca incessante da escrita, percorre os caminhos nem sempre claros da introspecção para registrar sua memória através da arte, pois pela via da criação ele consegue segurar o tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Sete aulas sobre linguagem memória e história*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

GENETTE, Gerard. *Discurso da narrativa*. Tradução por Fernando Cabral Martins. Lisboa: Vega, 1995.

ORNELLAS, Manoelito. *Mormaço*. Porto Alegre: Sulina, 1927.

_____. *Mormaço* (inédito).

WILLEMART, Philippe. *Bastidores da criação literária*. São Paulo: Iluminuras, 1999.